



Encontro da Rede de Educadores

Data: 13/07/2013

Local: Santa Maria - RS

Horário: 14h - 17h30

Relatoria: Daniela Rueda (Secretaria-Executiva do FBES)

Inicialmente foi colocado na lousa algumas resoluções que saíram no documento-final da V Plenária Nacional de Economia Solidária. O objetivo deste diálogo era resgatar a relação entre os encaminhamentos da V Plenária, com a integração dos diversos coletivos nas regiões para relatarmos e refletirmos sua situação e suas ações no movimento social. Inicialmente.

Foi proposto um grande mapa, onde os participantes foram convidados a compor este mapa, afim de descrever onde se encontram os coletivos e quais ações estão realizando. Abaixo uma memória dessa situação:

- Na Região Sul (RS) foi destacado que o coletivo tem se reunido muitas vezes mas para tratar sobre a situação e atuação da própria rede;
- Na Região Sudeste (SP), foi destacado que o coletivo já está com ações;
- Na Região Norte (PA) foi colocada a ação da Escola de Formação do Fórum Paraense de Economia Solidária, em parceria com a RECID.

(COLOCAR FOTO + Link video de Jason (Itália)).

Após a atividade, o grupo decidiu compartilhar as experiências coletivamente, e não como a primeira proposta, que era dividir pelas regiões. Além disso, a apresentação do Mapa deu possibilidade dos participantes conhecerem a situação geral e entendendo que já existe um diálogo interno nas regiões.

Debate

Paulo Edson de Oliveira (Índio): Faz esclarecimento sobre a temática da educação, dizendo que existe um contrassenso a própria questão da economia solidária, a partir do momento que ele faz uma relação efetiva entre a Rede de Educadores e GT de Educação e Cultura. Quando o GT foi criado tinha por objetivo subsidiar a Executiva do FBES. Caso a Executiva ache que o GT não está funcionando ele pode se extinguir. Dessa forma, como fica essa relação entre o texto que saiu na V Plenária com a Rede? (Página 65)

João Claudio Tupinambá Arroyo: Precisamos perceber que estamos iniciando um novo período de posicionamento do papel do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES. Na primeira fase (conforme relatado por Rosana Kirsch) houve um grande esforço para avançar na política pública e pelo esforço do FBES para a criação de uma Rede de Educadores. No entanto, ficou muito claro que a “criatura se descola do criador”, e é natural que seja assim. Não acredito que que venha da ordem do governo a melhoria da situação dos movimentos sociais. Para isso, acredito que a autogestão seja uma questão central neste processo. Educação, cultura e economia são o cimento das relações de poder, então, o grupo que passa a sustentar outros valores passa a projetá-los. Eles necessitam estar amparados por mecanismos que garantam controle social. Isso é um processo, mas acho que devemos procurar financiamento público, mas esta questão não pode ser o motivo principal. Delegamos ao projeto CFES tarefas que apenas o FBES pode realizar, e precisamos estabelecer os processos da autogestão para avançarmos no movimento. A partir da reunião nacional realizada pelo GT de Educação e Cultura, propus a ideia da Escola Nacional. Não houve o debate. Na 9ª e 10ª Reunião da Coordenação Nacional houve uma apresentação sobre o

tema, mas se dialogou muito pouco. Agora no Pará estamos experimentando este processo, mas é importante que se concretize um projeto político pedagógico do próprio FBES. Estamos em parceria com o CFES, mas temos o nosso espaço, e depois que o projeto acabar nós permanecemos com a estrutura. E já realizamos um primeiro curso. Agora, precisamos enfrentar o debate.

Denizart Fazio: Minha fala parte do diálogo proposto por Paulo Edison de Oliveira e Rosana Kirsch. O primeiro CFES teve um papel importante de auto-identificação. No Sudeste, fomos construindo processos de reconhecimento de que os EES e também os gestores podem ser educadores. Depois disso é que começamos a nos organizar e que podemos dizer que somos formadores de economia solidária. Hoje, ao mesmo tempo em construção ao projeto CFES iniciaremos nosso projeto político pedagógico. Estamos no processo de refletir este potencial da Rede de Educadores. Nós que formulamos o projeto da Rede no Sudeste em parceria com o Instituto Marista de Solidariedade. Temos clareza para onde queremos caminhar, mas se este projeto não caminhar com nossos princípios não há porque seguir com ele. No meu entendimento caminhamos de forma independente. Em São Paulo ficávamos sempre numa relação de que a Rede de Educadores é o Fórum, e então isto é se limitar as estruturas do próprio Fórum. Entendo que dialoga com o Fórum, mas não é o fórum, até porque tem relações com outros coletivos.

Normeliana Santos: Concordo com o Denis quando ele diz que não pode ficar na dependência. Mas como essas redes de educadores podem fortalecer a estrutura do FBES e não ser apenas um espaço de disputa? A RECID¹ tem muito a nos ensinar, pois dialogam com o Fórum de Educação no Campo e também com o Fórum de Juventude. No Espírito Santo - ES discutimos essa questão da relação da Rede de Educadores com o FBES, e chegamos ao consenso de que a Rede está dentro do Coletivo de Educação e Cultura. Isto é uma forma de fortalecer o GT, pois a maioria das vezes estamos em diálogo de nós para nós mesmos. Como é que dialoga essas questões no Fórum?

Kadio Serge Aristides: Faz um esclarecimento quanto a questão da Rede de Educadores no Espírito Santo. O mesmo diz que após a V Plenária é o Coletivo de Educadores quem decide a composição do GT de Educação e Cultura.

Rosana Kirsch: O João Claudio Tupinambá Arroyo traz em diferentes momentos o tema da *Escola Nacional*, e não há um debate aprofundado com relação a isso. Não sei se do grupo haviam pessoas que estavam na V Plenária, mas pela metodologia colocada estão colocados no documento as propostas que eram consenso e dissenso. Isto tem a ver com as articulações do próprio Estado em fortalecer a rede através do próprio espaço e não vir a constituir mais um outro espaço. Acho que tem uma questão aqui a preocupação de criar diferentes estruturas e depois condições de mantê-la. No Sul, o coletivo da Rede de Educadores não é do Fórum Gaúcho. O debate que acontece é que as pessoas não estão contempladas. A Escola Nacional traria uma proposta do movimento ter ações de formação e educação para não ficarmos presos as estruturas. Outro debate que aparece é: qual o significado de Rede? Podemos ter uma compreensão de que a rede articula educadores. Não é a rede que tem uma ação, mas sim as pessoas. Um debate que de vez em quando aparece, é a questão da formalização jurídica. O que é ser educador e educadora nesse processo? A rede articula ou faz ações?

Suely (Fórum Gaúcho): Como o coletivo de educadores fortalece o Fórum? Se nós queremos fortalecer a economia solidária, temos que fortalecer o fórum. Não se pode criar uma rede e desarticular o FBES. Estamos sempre nos mesmos espaços, e não estamos nos fortalecendo, porque estamos estabelecendo instâncias de representação. Eu quero ser EES fazendo educação

1 Rede de Educação Cidadã.

popular. O CFES para mim me deu um olhar de que “eu posso”. Estou fazendo mais empreendimentos. Isso está nos fortalecendo. As Entidades que me perdoem mas, não fazemos formação da educação bancária. A autogestão desse processo é falar a língua do EES.

Sebastiana Almire de Jesus (Tiana): Para mim falta estabelecer o que é e quem é a rede! Lá no Centro-Oeste fizemos uma discussão sobre a questão se a rede de educadores é do fórum ou se está para além dessa relação. Nós estamos consolidando uma rede de educadores do FBES para o FBES. Somos membros do FBES, mas com o objetivo de fortalecer a economia solidária. Para além dos fóruns fazemos intercâmbio, e temos, por exemplo, muito a aprender com a RECID. O projeto da Escola Nacional que cabe a nós, educadores da economia solidária, para que ele aconteça é fazer com que a meta seja cumprida. O CFES 1 estava voltado para fortalecer o movimento, o 2 nem tanto mas não significa que não possa ter esse papel. O que a IV Plenária define é que o GT é temporário e na V Plenária essa situação permanece. Dessa forma, o GT existe enquanto a rede está em processo de consolidação. Mas é isso que acredito: é uma rede de educadores do fórum brasileiro para o fórum brasileiro. Queria dar essa opinião.

Ana Lourdes de Freitas: Bem, quando se diz que a Rede de Educadores é do FBES não está se pensando em propriedade. O projeto CFES nasceram justamente a partir de uma demanda do FBES, sendo por isto uma construção coletiva. Está ligado porque estamos dentro, mas não está fechado.

João Cláudio Tupinambá Arroyo: A Rede guarda um nível de pluralidade que pode ser o que estamos falando aqui – uma rede de pessoas que já fazem educação e que pode eventualmente fazer coisas juntos. Acho que o FBES precisa é de um Projeto Político Pedagógico – PPP e quero ajudar a construir essa questão política. Precisamos construir nosso conceito de escola, de educador. Chamo de “escola” porque tem um projeto de sociedade, por trás de uma questão pedagógica. A rede precisa ser um ponto de construção de uma sociedade mais solidária.

*****:** Dentro do CFES eu aprendi que a coisa mais simples é ser educador popular. Temos que fazer um resgate humano, a partir do valor que está dentro dela.

Katiucia Gonçalves: Quando começou o processo deste CFES no Estado, a gente não conseguiu perceber quem tinha ou não o perfil. Não ficou claro que a partir do momento que os EESs participassem dos cursos elas teriam que repassar seu conhecimento aos empreendimentos e ao Fórum. O GT de Formação tem dificuldades. Fomos montar o comitê metodológico, e foi muito complicado, pois as pessoas não tem o entendimento. Existem muitos companheiros com um bom discurso mas que na prática ele vai para disputar. O projeto hoje traz esse viés para o Programa Brasil Sem Miséria, e depois de uma certa reflexão percebi que eu também sou um público do programa. Escolhemos trabalhar com as associações de bairro, com as ONGs locais e chamar o povo de verdade para dentro dessa estrutura.

Carlos Salles: O capitalismo cria uma ilusão e te vende. Mesmo com uma realidade adversa, pois muitas vezes não temos recursos nem para chegarmos até o espaço de formação. Isso é uma realidade nossa (EES), mas tem muita gente que acha que isso é mentira. Dessa forma, como convergir dentro dessa diversidade trazendo uma proposta mais real nos processos de formação?

Suely (Fórum Gaúcho): Queria falar sobre o PPP. Falar de Ecosol é fazer com que as pessoas vejam seu deveres e seus direitos. Muitas vezes a gente não tem consciência política. Eu quero ter a garantia da política pública. Educar é fortalecer vendo e refletindo nossa forma de organização. Qualificação profissional é algo importante, mas trabalhar as questões políticas é mais

importante ainda. Se a gente não trabalhar essa proposta não andaremos. Temos que fortalecer a política do movimento.

João Cláudio Tupinambá Arroyo: Quero colocar em torno do desafio do projeto político. Existe uma elaboração teórica feita pelo FBES e pelo Conselho Nacional, que nos mostram os elementos dados. Acredito que as questões neste momento são internas, de movimento. Qual é a educação que nos interessa? No meu ponto de vista é a organização de uma sociedade solidária. Minha experiência mostra que a gente avança com a educação popular. Mas isso temos que discutir, pois tem uma intencionalidade. Mas, de qualquer forma, os elementos estão dados e precisamos estar dispostos para avançar.

Normeliana Santos: Precisamos aproveitar os recursos que estão aí para nos fortalecermos. Porque, a partir deles também se estabelecem demandas para a rede. O CFES 2 trouxe uma representação da Rede de Educadores, que vai das regiões para o Conselho Gestor Nacional e pode contribuir política e metodologicamente com as questões. Além dos projetos estruturantes da SENAES, há possibilidade de organizarmos os processos da rede. Senão a gente fica escutando que a rede não existe. Uma questão importante é o processo da Conferência da Educação, e o tema da “educação popular” que está colocada nos debates. Houve um diálogo entre o FBES e a Secretaria Geral da Presidência, sobre a proposta de construção da Política Nacional de Educação Popular. Tiramos cópia para ver a possibilidade dos Estados podem discutir essa questão. É necessário dar nossa cara apesar dos limites. Nós que estamos na Rede de Educadores precisamos respaldar este documento e ter estratégias para ir a luta.

Rosana Kirsch: Quais os principais assuntos estão sendo trabalhados no âmbito da Rede de Educadores? Acaba que muitas vezes os grupos se reúnem apenas para discutir a própria rede. Mas a gente tem afirmado em diferentes momentos que precisamos nos organizar para discutir além dos projetos. É preciso ter ações do movimento. Precisamos nos afirmar mas como é que a gente faz para se articular com estas questões? O tema da pedagogia da autogestão tem vários elementos que diversos coletivos estão avançando no país. São focos que precisamos dar. Veja o quanto colocamos em debate numa política institucionalizada.

Célia*:** Quando a gente vai para os debates nunca falamos do que estamos fazendo, da experiência em construção em nossas localidades. A gente fica departamentalizando as coisas e sabemos que aqui estão postas dificuldades que a gente precisa discutir nos nossos Estados. Precisamos caminhar numa construção de uma rede mais coletiva. Existem muitos educadores que não participam do Fórum. Como é que a gente dialoga para não ficar solto?

Paulo Edison Oliveira (Índio): Minha fala é pensando em alguns encaminhamentos, a partir do olhar da pauta inicial colocada. Existe uma deliberação que a próxima Executiva do FBES precisa definir como será o desenho dessa rede de educadores e o GT de Educação e Cultura. Nós voltaremos para nossos Estados. Quem são nossos parceiros estratégicos? A Conferência de Educação e a Conferência de Economia Solidária tem um papel primordial e como se daria o papel da Rede de Educadores? Precisamos alimentar este debate com a Executiva e nos Estados. E pelo que foi colocado aqui tem muitos desejos mas pouco acúmulo para avançar no Projeto Político Pedagógico - PPP.

Mariana (Nesol): Eu trarei um pouco sobre a situação de São Paulo. O Grupo foi formado a partir dos companheiros do FPES. Ela faz parte do FBES, mas as pessoas não necessariamente precisam fazer parte do Fórum. Entendemos que ela é do fórum, mas pode ser mais ampla. Uma questão discutida foi através do exercício do mapa estratégico. Fizemos um esforço de ver os

assuntos, e saber encaminhar as demandas e conhecimentos necessários. Chegamos a seguinte questão: E juntos o que nos identifica? O que é comum a nós é a formação política, e que coletivamente fortalecemos o movimento fazendo uma *formação política* em economia solidária. Enquanto Rede de Formadores discutimos temas, linhas metodológicas e processos para fazer a formação da rede. A rede serve também para articular e fortalecer o movimento e divulgar a economia solidária.

Katiúcia Gonçalves: Também acho que o formador não tem que necessariamente estar dentro do Fórum. Considero que o educador tem um papel atrás das coxias. As coordenações não sabem e desconhecem as suas próprias estruturas. A gente chega no Fórum e tem muita dificuldade para qualificar o debate e só vamos fortalecê-lo se o educador auxiliar no processo.

João Cláudio Tupinambá Arroyo: Uma questão importante é uma solução estratégica para construir uma sociedade. Quais os nossos problemas como consumidores? A economia inicia no *consumo*, então precisamos trabalhar essa questão. Olhando aqui para nós, quanto do nosso \$ é de fato jogado na economia solidária? A escola precisa ser voltada a solução de problemas. Isso ajudaria a gente a pensar de forma mais ampla. Não vejo o educador na coxia, mas participando como indivíduo. A partir do propósito de se chegar a uma sociedade solidária quais serão nossas estratégias?

Lara*:** Estava preocupada como é que eu poderia contribuir e participar do processo da Rede de Educadores. Eu sou gestora pública e em meu município há um departamento de economia solidária em que muitas dessas ações poderiam acontecer. No entanto, senti dificuldade de ver como eu poderia contribuir com o FBES. Mas a partir da fala da Mariana***, eu me senti contemplada e dentro do processo.

Maria Augusta: Se vocês olharem a feira de ecosol que tem trabalhos lindíssimos sobre o tema, mas também outros que carecem de maior qualificação. O Fórum também precisa se fortalecer também pelo indivíduo.

Suely (Fórum Gaúcho): Existe um processo de organização dentro do FBES que são as Plenárias Nacionais. Ela é deliberativa e acolhe as propostas da base. Dessa forma, isso está colocado no documento-final da IV Plenária, onde são reconhecidos e definidos os seguimentos: EES, EAF e Rede de Gestores. E minimamente são colocados os processos dos seguimentos. Senão, qualquer um / todo mundo é da economia solidária? Tem muita gente que se aproveita da situação para ganhar recurso. A gente brigou para tirar as deliberações da V Plenária. O FBES é um espaço organizativo e precisa ser respeitado.

Marcos*:** Queria dizer 3 coisas: Estou num momento mais de escuta com um olhar de fora deste processo. Estou perplexo com a discussão do processo da Rede. Parece-me que não tocamos muito nos pontos colocados pela V Plenária. A fala de Paulo Edison Oliveira é um privilégio nessa abrangência nacional, e creio ser interessante que pudéssemos aproveitar o espaço para dar encaminhamento a esta questão.

Elage*:** Assim como o companheiro é a primeira vez que eu participo de um evento com esse formato. Acabamos de inaugurar o Centro Público de Economia Solidária-CPES na região, e percebo que não existe um trabalho educacional voltado a coletividade e solidariedade. Nesse sentido, o encontro teve dificuldade para interagir com o movimento. O FBES precisa se preocupar com essa interação. O que existe na maior parte dos Estados e o que de fato aparece são os projetos governamentais. Enquanto Rede não temos essa fonte, e por isso necessitamos estar em constante

diálogo. A institucionalização da Política Pública de Economia Solidária - PPES não existem e são elas que precisam caminhar.

Normeliana (Cáritas): É ruim para as pessoas novas que estão vindo neste processo. Esse é o primeiro encontro em que a gente senta para falar de nós mesmos. A gente tem uma necessidade de se conhecer, relacionar e se organizar. Nós nascemos de uma oficina que foi tomando corpo a partir da política pública. Esse está sendo um primeiro encontro. Foi ótimo, e é bom que aqui não é a discussão de um projeto.

Mariana (Nesol): Acredito que em vez da Nacional dar diretriz ao local, o processo está ocorrendo ao contrário.

Paulo Edison de Oliveira (Índio): Quando a gente resolveu colocar este debate era para entender o papel da Rede de Educadores, suas ações e seu papel nos fóruns. A gente pode pressionar a Nacional e a Executiva do FBES para se posicionar com relação a questão, mas se dizemos que a Rede de Educadores é autônoma, então, ela terá que ter mecanismos para autofinanciamento. Acredito que este debate sobre a Escola Nacional também seja importante.

Vera (Recid): Temos o privilégio de estar aqui com vocês, e a convite do projeto CFES, a RECID através de Zélia estará nesse espaço. Estamos há 10 anos num diálogo entre Governo e Sociedade Civil pautando o tema da Educação Popular. Por isso justifica estarmos aqui, trazendo o debate da Política Nacional de Educação Popular - PNEP. Há necessidade de se ter um espaço para acumular a educação na economia solidária e mecanismos para seu fortalecimento. A Rede de Educadores tem uma perspectiva de discutir o PPP, mas como seria pensar isso – 27 PPPs para o Estado? Para isso é fundamental que a rede inicie por sua base. Quero fazer um parêntese com relação a educação de jovem e educação. A RECID tem como formação a economia solidária. Nosso papel não é estar com os educadores, mas sim de assessorá-los. Com relação a PNEP ela também necessita ser pensada a partir da base. Neste sentido, a partir dos diálogos fomos buscar experiências desde os anos 60 e América Latina. Estamos numa roda de conversa com os movimentos, cabendo a RECID fazer essa interlocução nos respectivos Estados. A Conferência de Educação é estratégica nesse sentido. Na própria conferência teremos uma mesa de educação popular e economia solidária. A partir da roda de conversa, queremos trazer para debater conosco o Oscar Rara. O que está mais parecendo na questão é a concepção de educação popular. Essa proposta é para ser debruçada a partir de 2014.

Kadio Serge Aristide: O Fórum do Espírito Santo está refletindo esse processo da rede de educadores. Temos que parar de pensar que o recurso do Governo resolverá nosso problema. A gente sentiu que tudo é baseado pelo Governo, e o Estado pensa hoje uma perspectiva de autofinanciamento. Muitas pessoas foram formadas, e do primeiro para o segundo projeto CFES percebemos que para o Governo todo o primeiro processo não serviu. Fico feliz com esse projeto, mas a gente não pode parar por falta de recurso. É preciso fortalecer o movimento e o nosso projeto pensando estrategicamente como a gente vai andar. Vamos pensar em estratégias coerentes e que nos fortaleçam, afim de trabalharmos nossa sustentabilidade.

Encaminhamentos:

A Rede de Educadores fará a discussão do documento da V Plenária (Eixo - Educação e Cultura).

Encaminhar um retorno dos estados sobre a Rede de Educadores para a Executiva do FBES, tendo como base essa discussão.

Pensar uma agenda para o III Encontro Nacional da Rede de Formadores, em torno do projeto político pedagógico. Fazer um novo encontro para ver o quanto precisa para uma atualização.

Socialização da lista de e-mails dos participantes.

Aproveitar o encontros do CFES para se reunir e colocar estratégias afim de fortalecer a Rede de Educadores.

Uma pessoa de cada região para ajudar nos processos de articulação. **Sudeste:** Robson, Elza Santiago e Zélia. **Sul:** Katiucia Gonçalves e Rosana Kirsch, **Nordeste:** Samara e **Norte:** João Cláudio Tupinambá Arroyo.